

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes –EBA/ UFMG
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias
Contemporâneas CEEAV

Alexandre dos Santos Quintão

A ARTE E O GRAFITE PARA ALÉM DOS MUROS URBANOS:
por uma educação libertadora

Lagoa Santa
2020

Alexandre dos Santos Quintão

A ARTE E O GRAFITE PARA ALÉM DOS MUROS URBANOS:

por uma educação libertadora

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador(a): João Augusto Cristeli de Oliveira

Lagoa Santa

2020

Quintão, Alexandre dos Santos.

A arte e o grafite para além dos muros urbanos: por uma educação libertadora / Alexandre dos Santos Quintão. – 2020.
33 f., enc

Orientador(a): João Augusto Cristeli de Oliveira.
Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.

1. Artes visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino – Especialização. I. Título. II. Oliveira, João Augusto Cristeli de III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.

CDD: 707



Nome: **ALEXANDRE DOS SANTOS QUINTÃO**

A ARTE E O GRAFITE PARA ALÉM DOS MUROS URBANOS: por uma educação libertadora.

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora o aluno foi considerado: **APROVADO**.

Professor João Augusto Cristeli de Oliveira – CEEAV/ EBA/ UFMG - Orientador

Professor Artur Luiz de Souza Maciel – CEEAV/ EBA/ UFMG – Membro da Banca Examinadora

Profa. Patrícia de Paula Pereira
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 29 de fevereiro de 2020..

Resumo

Essa pesquisa tem como objetivo central compreender a arte do grafite articulando-o ao ensino das artes visuais e ao contexto sociocultural urbano. Na tentativa de ampliar os saberes, os espaços de vivências e troca de experiências sob a perspectiva dialógica e do reconhecimento da diversidade cultural, propomos explorar as possibilidades de compreensão dessa manifestação artística, além de contribuir para fomentar reflexões sobre suas potencialidades educativas, especialmente na rede pública de ensino básico. Para isso, utilizamos como recurso metodológico um levantamento bibliográfico, estudo de textos e seleção de imagens disponíveis nas redes sociais – uns mais, outros menos específicos da arte urbana, do ensino de arte e da educação. Nesse contexto, como aporte teórico para o desenvolvimento desse trabalho, lançamos mão de alguns autores importantes como Paulo Freire, Ana Mae, Celso Gitahi e Maura Penna. Em relação às contribuições dessa pesquisa, é possível verificar significativas aproximações do grafite com uma concepção de educação popular que se distancia da massificação de conteúdos pedagógicos e dos discursos dominantes, autoritários e elitistas divulgados pelos meios convencionais de comunicação.

Palavras-chave: Grafite, Ensino, Urbano, Diversidade, Potencialidades, Popular, Discursos, Comunicação.

Abstract

This research has as main objective to understand a graffiti art that articulates the teaching of visual arts and the urban socio-cultural context. In an attempt to expand the flavors, the living spaces and the exchange of experiences from a dialogical perspective and the recognition of cultural diversity, we propose to explore the possibilities of understanding this artistic expression, in addition to contributing to promote reflections on its educational potential, especially in public basic education network. For this, use as a methodological resource in bibliographic survey, text study and selection of images available on social networks - one more, others less important of urban art, art teaching and education. In this context, as a theoretical set for the development of this work, we used some important authors such as Paulo Freire, Ana Mae, Celso Gitahi and Maura Penna. In relation to the contributions of this research, it is possible to verify approximations of graffiti with an exhibition of popular education that distances the massification of pedagogical content and dominant, authoritarian and elitist discourses disseminated by the media used.

Keywords: Graffiti, Teaching, Arts, Urban, Diversity, Potentialities, Popular, Speeches, Communication.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. A ARTE E O GRAFITE: CONTEXTUALIZAÇÃO.....	10
2.1 Um breve histórico do Grafite	10
2.1.1 A escrita nas paredes e o grafite	10
2.1.2 O grafite no século XX e XI.....	12
3. SOBRE O ENSINO DE ARTE E O GRAFITE.....	23
3.1 Lendo e construindo o mundo por meio da imagem.....	23
3.2 Da Pluralidade Cultural.....	25
3.2.1 Uma arte urbana	25
4. POSSIBILIDADES DE USO DO GRAFITE NO ENSINO DE ARTE.....	26
4.1 Fase I (Primeiros Contatos)	26
4.2 Fase II (Experimentando a pintura, a gravura e o desenho).....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
6. REFERÊNCIAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

Ao defrontar-me com a necessidade de produzir esta monografia para o Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas, levando em consideração minhas inquietudes e interesses inerentes à minha trajetória pessoal de estudante e professor, assim como as condições juvenis e da cidade em transformação, surgiu o desejo de imergir na cultura popular e de rua ao eleger o grafite¹ como eixo articulador entre a arte e a educação.

Entre vários desafios colocados para nós educadores, destaca-se a necessidade premente de uma construção do processo de ensino/aprendizagem que se aproxime da realidade dos educandos, que torne as aulas mais significativas, que prime pelo diálogo e pelo respeito à diversidade e às diferenças, que fomente no estudante/professores o desejo por descobrir, criar e transformar a si mesmos e ao mundo que os rodeia.

Apesar dos progressos relacionados à educação, é notório que a ideia de transferência de conhecimento e a eleição de uma cultura baseada em critérios elitistas ainda estão muito presentes nas escolas. Sob a influência do ensino bancário², os alunos estariam propensos a desenvolver uma atitude passiva diante do saber reforçando assim a dimensão da reprodutibilidade social inerente ao ambiente escolar. Ao serem, puramente, treinados no desempenho de destrezas, os estudantes estariam sendo submetidos a um ensino que tenderia a deformar sua autonomia e criatividade.

Como nos diz Freire (1996), sobre o ensino bancário:

“o educando a ele sujeito pode, não por causa do conteúdo cujo “conhecimento” lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do “bancarismo”. [...] O necessário é que, subordinado, embora, à

¹ Em meio a um terreno de disputas entorno do termo entre as várias formas de grafá-lo, reforçando sua marca transgressiva, reconhecendo sua diversidade e diferença, além de suas múltiplas possibilidades de apropriação ao redor do planeta no tempo e espaço, adotamos a forma traduzida em português do termo tradicionalmente conhecido do italiano “graffiti”. O Dicionário Aurélio registra a grafia de “grafite(s)” com o significado de inscrição urbana (palavra, frases ou desenhos feitos em muro ou paredes de local público).

² Ver “Ensino Bancário” - Paulo Freire deixa claro que a educação não deve ser considerada uma prática mecânica, pautada na simples transmissão de conhecimento (FREIRE, 1996, p. 9)

prática “bancária”, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar, de aventurar-se, de certa forma o “imuniza” contra o poder apassivador do “bancarismo” (FREIRE, 1996, p.25).

Em relação ao ensino de artes visuais, ao tratar o grafite como arte e possibilidade didática neste trabalho, acreditamos poder contribuir para promover encontros, aproximações, novos olhares e troca de experiências, estabelecer diálogos com a arte de rua, o nosso cotidiano, a cidade, a escola e os educandos.

Nesse sentido, procuramos distanciar-se de uma perspectiva rasa, de valorizar somente a arte entendida como “arte de museu” ou “arte erudita”.

Partindo do pressuposto de que o grafite possui potenciais educativos e de que é possível trabalhá-lo dentro da escola como experiência educativa, a presente pesquisa busca apontar algumas maneiras de compreendê-lo e utilizá-lo. A princípio, quais seriam então esses potenciais educativos? Seria possível proporcionar experiências dialógicas e emancipatórias a partir de sua prática?

Desta forma, o primeiro momento desse trabalho tem por propósito situar o grafite no contexto da arte de rua por meio, basicamente, de uma abordagem histórica sobre o seu surgimento. Tentaremos, num esforço de compreensão a seu respeito, apontar suas principais características, algumas distinções e identificadores.

No segundo momento, com a contribuição das perspectivas da arte-educação e das ciências humanas, discutiremos, na ótica da diversidade, a relação entre o grafite e o ensino.

No terceiro momento, apresentaremos formas de se explorar o grafite na escola baseado na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa e na Pedagogia libertária de Paulo Freire.

2. ARTE E O GRAFITE: CONTEXTUALIZAÇÃO

No presente trabalho, o grafite atual é entendido como uma manifestação artística urbana de marcante presença e considerável intervenção nas cenas públicas espalhadas nas grandes cidades ao redor do planeta.

O grafite, como alvo de apreciação estética ou/e de reflexão sobre o mundo, sobre quem somos, onde vivemos, com quem, quando, ou como vivemos, vem suscitando muitas discussões importantes sejam elas de cunho propriamente pedagógico e artístico, mas também, histórico, antropológico, filosófico, sociológico, político, entre outros.

2.1. Um breve histórico do grafite

2.1.1 A escrita nas paredes e o grafite

Não é de hoje que a humanidade busca por formas de reflexão, de se reconhecer, de se comunicar com o outro, de se expressar e de produzir arte.

De acordo com GITAHÍ (1999), as inscrições e desenhos em paredes e muros ao redor do mundo estão presentes na vida do ser humano desde tempos remotos.

Já na pré-história, nossos ancestrais iniciaram as primeiras obras artísticas de que temos notícias. Podemos constatar isso nas pinturas rupestres como as que ainda hoje podem ser vistas na Gruta do Rei do Mato em Sete Lagoas (MG), na Gruta da Lapinha em Lagoa Santa (MG), na Gruta do Itambé do Mato Dentro (MG), nas Cavernas do Peruaçu e nos sítios arqueológicos de Serra Negra em regiões de Minas Gerais; no Parque Nacional da Serra da Capivara, na região sudeste do estado do Piauí; ou na Caverna de Altamira (Espanha); na Caverna das mãos (Argentina); na Caverna de Lascaux (França); na gruta de Rodésia (África); e em outras regiões do planeta.



Figura 1- Dois indivíduos abatendo uma anta, pintura rupestre do Seridó
Disponível em <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/pre-historia-parte-3-serido-e-inga/>
Acesso em 15 nov. 2019

Por meio das escavações e dos estudos arqueológicos, hoje sabemos, por exemplo, da existência de desenhos e mensagens deixados por habitantes da cidade italiana de Pompéia soterrada pela erupção do vulcão Vesúvio do século I D.C..

Assim, desde as pinturas murais da antiguidade de regiões como o Extremo Oriente, Índia, China e dos povos do Mediterrâneo, às pinturas murais da cristandade na Europa na Idade Média; ao muralismo revolucionário no México na contemporaneidade, e tantas outras manifestações, é possível reconhecer em diferentes lugares e épocas uma variedade de intervenções e inscrições em muros e paredes (GITAHÍ:1999).

Nesse contexto, estão inseridas várias formas de expressão gráfica e pictórica, desde declarações de fé, amor, ódio, a críticas políticas.

Um episódio importante dessas inscrições em paredes pode ser verificada, também, no período de ditadura no Brasil (1964-1985) quando a pichação³ se fez presente como um dos poucos meios de expressão política que possibilitava simultaneamente o anonimato e a divulgação de mensagens diretamente ao público.

Para BARROS (2016), pode-se dizer que, assim como antigamente, o grafite hoje é um meio de expressão/comunicação no qual o homem representa sua narrativa de vida, suas ideias, críticas e anseios, por meio da imagem. Contudo, além das convergências dos exemplos constatados ao longo da história humana, ele

³ Sobre a pichação: seus significados, sua origem, pontos comuns e diferenças em relação ao grafite consultar GITAHÍ (1999, p.19)

traz atualmente consigo outras reflexões acerca de suas significações e das relações sociais contemporâneas. Como nos diz a autora:

“[...] o que hoje chamamos grafite é, na verdade, esta mesma forma de representação que se configurou e se revestiu de um novo formato na era moderna. Falamos de uma força de representação que está além da análise pura e simples da imagem, mas de um “movimento” que vem desencadeando ao longo do tempo e que no faz refletir que o grafite hoje, detém este mesmo *status* representativo, mas que traz à tona outros questionamentos. [...] vemos atualmente *sprays* nas mãos de grafiteiros que, no entanto, continuam a representar suas vidas cotidianas e a forma como apreendem a dinâmica social da qual fazem parte.” (BARROS, 2016, p.167).

Em suma, o grafite atual remete a um sentido diferente dos muros do passado. Esta manifestação artística como toda manifestação humana, retrata um contexto histórico e uma realidade distinta.

2.1.2 O grafite nos séculos XX e XXI

De acordo com BLAETH (2012), a partir do final do século XIX, o cenário artístico passa por grandes transformações como a ampliação do uso de técnicas, materiais e elementos/processos, e exploração de espaços de interação exteriores aos museus e galerias.

No entendimento da autora, a exemplo do que aconteceu na escultura por volta dos anos 1960, novas noções foram incorporadas aos processos de criação e novas interdições nos espaços urbanos fizeram-se perceber. Para a autora,

“Nos anos 1960-70, portanto, juntamente com os questionamentos marcantes dessa década, a escultura, no sentido conceitual, desenvolveu-se nas mais diferentes direções no espaço, entrando no campo da experimentação e desmistificação dos seus processos construtivos, além de se confrontar com outras áreas, territórios e linguagens, como a arquitetura, a performance, o vídeo, a música e a política” (BLAETH, 2012, p.148).

Em meio às inovações, às relativizações e às tentativas de superação dos limites colocados pela cultura que somente reconhecia a arte confinada a lugares

restritos e fora da rua, emerge o grafite nas grandes cidades, a princípio, sob o rótulo de arte marginal, transgressora e criminosa⁴.

Sob o seu caráter de transgressão e ilegalidade, o grafite ainda é visto por muitos apenas pela ótica do vandalismo (aquilo que mancha, destrói a cidade e suas construções). Inúmeras pessoas ainda sabem muito pouco sobre ele.

Em torno da questão se ele é arte ou vandalismo, há muita controvérsia e opiniões variadas entre diferentes segmentos da sociedade.

Contudo, ao longo do tempo, percebe-se um alargamento de visão onde ele passa a ser entendido, também, como um meio de democratização da arte, de diálogo e de encontro com a diferença.

Segundo LONGMAN (2017:N.P.), aos poucos, o grafite vem sendo encarado menos como algo que suja a cidade, e mais como aquilo que lhe confere cor, brilho, vivacidade, revelações, visibilidades. Menos como manchas, mais como denúncias e reinvenções.

Em meio aos desarranjos e ao inchaço urbano; aos congestionamentos e velocidades no trânsito; ao barulho; aos sensualismos da sociedade de consumo e ao acúmulo do lixo; às poluições, às “asfixias e violências da cidade”, ao excesso de estímulos nervosos e, conseqüentemente, ao desenvolvimento daquilo que George Simmel chamou de “atitude *Blazé*⁵”, o acinzentado das edificações com suas ferragens, ferragens e seus processos homogeneizantes orientados pelo modelo industrial misturado ao cimento, ao piche e ao concreto vem sendo desafiado e provocado por outras formas de expressão.

Diante da efemeridade e impermanência das construções e recorrências dos desmanches, do crescimento, movimento e deslocamento populacional, da *conurbação*⁶ e da *gentrificação*⁷; a cidade fria em seus muros de pedras e

⁴O Grafite feito sem autorização é considerado crime em vários países. No Brasil, contrariando o que rege a nossa Constituição sobre a liberdade de expressão, os artistas de rua enfrentam muitos problemas relacionados aos preconceitos, às restrições e censuras de suas práticas no meio urbano. Nesse sentido, vale a pena observar e acompanhar os desdobramentos de algumas iniciativas legislativas implementadas para tornar as ruas das cidades, a princípio, “mais receptivas” às práticas do grafite. De tal modo, é importante mencionar a regulamentação dessa manifestação artística em Belo Horizonte a partir da Lei Nº 10.277/11 e Decreto Nº 14.589. De acordo com a legislação brasileira, o grafite feito sem autorização pode ter pena de três meses a um ano mais multa.

⁵ Ver SIMMEL (1967) – “A vida mental na metrópole”

⁶ Conurbação – “é o fenômeno de unificação da mancha urbana de duas ou mais cidades, em consequência de seu crescimento geográfico”.

(Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Conurba%C3%A7%C3%A3o> – Acesso em 20/01/2020)

escombros como obstáculo, demarcação, segregação, hostilidade, imposição, padronização, destruição, esquecimento e indiferença, também se abre aquecendo-se como mural/suporte para a criação e o encontro com as diferenças: outros modos de ser, de pensar, sentir, consumir e resistir no mundo.

Entre uma paisagem e outra, gritam nas paredes sem pedir licença rabiscos, desenhos e gravuras à disposição de quem, porventura, venha a se interessar.

Para LONGMAN (2017:N.P.), ao interferir na arquitetura da cidade, entre outras, o grafite teria a capacidade de trazer ao conhecimento do público áreas negligenciadas pelo poder público, áreas corroídas, construções abandonadas e estruturas em ruínas.

Essa manifestação artística, ao lado de outras intervenções (esculturas, performances, teatro, danças/músicas, entre outras), vem ganhando cada vez mais espaço nos locais públicos como paredes, postes, edifícios, ruas, calçadas, praças, túneis e viadutos.

De acordo com LONGMAN (2017:N.P.), o grafite é, atualmente, considerado como um elemento essencial da estética contemporânea em quase todos os países.

Mais do que uma linguagem artística, ele pode ser visto como um meio de comunicação/expressão que permite, entre outros, a exploração da dimensão lúdica (brincadeiras e piadas), o protesto, o questionamento das autoridades e a transgressão dos valores estabelecidos.

Ao dispor da rua e da cidade como seu suporte (mural), ele viabiliza a comunicação pública, inscrevendo pensamentos e sentimentos que propiciam aos seus espectadores uma produção vasta de pontos de vista estéticos e manifestações de ideias, pensamentos e imaginações.

De acordo com GITAHI (1999), diferentemente dos outdoors, o grafite não induz o espectador a adotar uma postura passiva diante do mundo como mero consumidor. Segundo o autor, ele “é, antes, um convite ao encontro e ao diálogo” GITAHI(1999, p.16).

⁷ Gentrificação – “é o fenômeno que afeta uma região ou bairro pela alteração das dinâmicas da composição do local, tal como novos pontos comerciais ou construção de novos edifícios, valorizando a região e afetando a população de baixa renda. Tal valorização é seguida de um aumento de custos de bens e serviços, dificultando a permanência de antigos moradores de renda insuficiente para sua manutenção no local cuja realidade foi alterada”.
(Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Gentrifica%C3%A7%C3%A3o> – Acesso em 20/01/2020)

Essa manifestação artística está, originalmente, vinculada ao movimento de contracultura iniciado em maio de 1968 na França.

Um de seus cenários mais importantes é a periferia de Nova Iorque, quando jovens do bairro do Bronx (geração *beat*) entre as décadas de 60 e 70 utilizavam os sprays para demarcar o espaço público inscrevendo seus nomes (os *tags*) em muros, paredes das cidades, vagões de trem e ônibus.

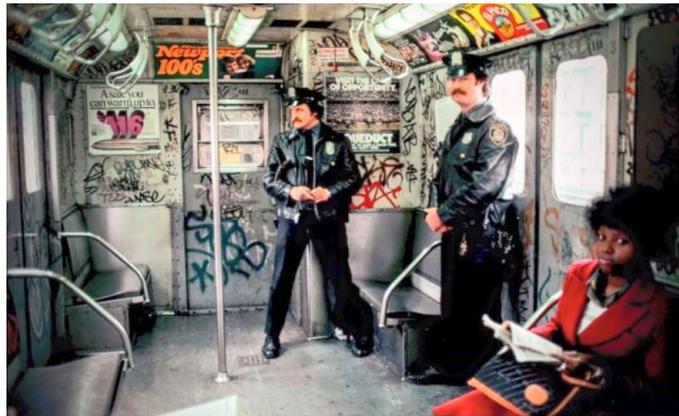


Figura 2 – Trens grafitados em Nova Iorque
Disponível em <https://timgori.pw/new-york-in-the-1970s-and-1980s.html>.
Acesso em 15 nov. 2019

A partir da década de 1970, em Nova Iorque, nos Estados Unidos, as marcas e desenhos deixados nas paredes da cidade por jovens evoluíram para o que conhecemos hoje.



Figura 3 – Paredes e muros grafitados em Nova Iorque
Disponível em <https://descomplica.com.br/blog/atual/conheca-historia-do-grafite/>
Acesso em 15 de novembro de 2019



Figura 4 – Parede de prédio grafitada em Nova Iorque em 2012 por artista brasileiro: o Kobra.
Disponível em <https://www.pinterest.cl/pin/463589355370283561/>
Acesso em 15 de novembro de 2019

O grafite está ligado à cultura do *hip-hop* e as suas principais vertentes: o *rap*, o *DJing*, o *breakdance*, sendo um instrumento da juventude mais pobre para criticar e expor toda a opressão vivida nas periferias, refletindo a realidade das ruas.



Figura 5- Frame da série The Get Down (Netflix),
Contextualização do surgimento do hip hop e do grafite nos EUA nos anos 70
Disponível em <https://descomplica.com.br/blog/atual/conheca-historia-do-grafite/>
Acesso em 15 de novembro de 2019

No cenário nova-iorquino, vários artistas merecem destaque, entre estes, Jean- Michel Basquiat (1960-1988) e Keith Haring (1958-1980)⁸, cujas obras

⁸ Reconhecido pela sua arte pop de grande notoriedade, por ser influenciado por Andy Warhol, e por ser o primeiro artista a levar a arte de rua para as galerias.

retratam a vida urbana, principalmente nas periferias. Podemos considerá-los como uns dos grandes responsáveis pela mudança do status do grafite, de vandalismo a arte (GITAH!: 1999)



Figura 6 - Jean Basquiat

Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/414753446911616039/>
Acesso em 15 de novembro de 2019



Figura 7 -Keith Haring

Disponível em <https://www.blog.artdex.com/discover/enduring-legacy-keith-haring-graffiti-art/>
Acesso em 15 de novembro de 2019

De acordo com BAKTHIN (2003), a rua era o lugar onde os registros de arte começaram a se misturar com as pichações, outdoors, letreiros, numa “explosão” de imagens, cores, e expressões inusitadas. Com o tempo, os grafiteiros passaram a assinar os trabalhos, seguindo o modelo da pintura tradicional.

Os grafites também são marcados por sua efemeridade, crítica, humor e acessibilidade, o que, de certa forma, os aproxima de uma ideia artística associada às manifestações do século XX, como o muralismo, o dadaísmo, a land art e a pop art.

Para GITAHÍ (1999), diferentemente da pichação, que está mais associada à uma escrita espontânea e gratuita, o grafite apresenta-se de forma mais elaborada utilizando-se de procedimentos do desenho, da gravura (estêncil) e da pintura. Em sua perspectiva, o grafite seria oriundo das artes plásticas que prioriza a imagem, enquanto a pichação teria uma origem baseada na escrita que privilegia a palavra e/ou a letra.

Nos anos 80, com a introdução do spray no Brasil, o grafite se consagra como linguagem artística.

Podemos encontrar como instrumentos mais usuais dos grafiteiros em seu processo de criação: o giz, os carimbos, os pincéis, rolinhos e, sobretudo, o spray. Com estes, eles trabalham, por exemplo, as formas, os símbolos e imagens em diversos espaços da cidade. Estes artistas formam seu repertório, frequentemente, dialogando com os ícones do mundo da mídia, do cartum e da publicidade. SOUZA (2018, p.6).

Nesse universo artístico, atualmente, presenciamos um crescente investimento em latas de spray, e em uma variedade de materiais apropriados para o grafite como: canetas, tintas, máscaras de pintar, cintos para portar latas, luvas, mochilas e afins.

Em vários países são encontradas produções de grafiteiros. Podemos citar diversos nomes importantes ao redor do mundo além de Keith Haring e Jean Michel Basquiat (EUA). Temos, por exemplo, Besok, Esher, Evol, Kent (Alemanha); Cha, Dier, Glub (Espanha); Blek le Rat, Akroe, Jace, Miss Van, Jef Aérosol (França); Banksy e Robbo (Inglaterra).

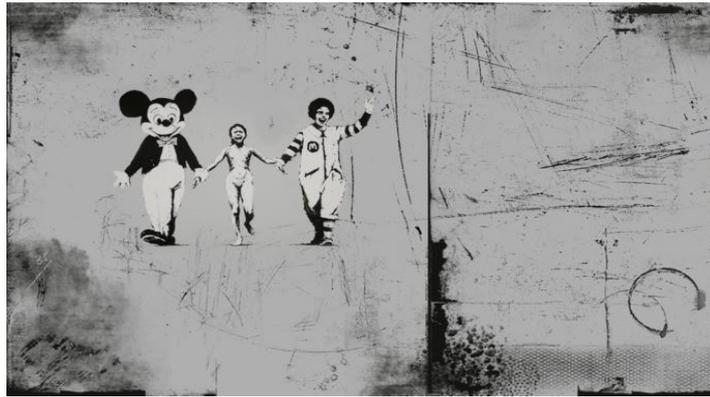


Figura 8 – Napalm (Can't Beat That Feeling), grafite de Banksy, 1972
Disponível em <https://www.todamateria.com.br/banksy-obras/>
Acesso em 15 de novembro de 2019

No Brasil, já a partir dos anos setenta, principalmente em São Paulo, é possível encontrar vários nomes como: Alex Vallauri, Carlos Matuck, Jhon Howard, Rui Amaral, Numa Ramos, Ivan Sudbreck, Maurício Villaça, Job, Jorge Tavares, Eduardo Castro, Arthur Lara, os Gêmeos, Viché, Eduardo Kobra, Crânio, Onesto, Nina Pandolfo, Nunca, Zezão, Binho Ribeiro, Nick, Anarkia Boladona, Mundano, Raquel Bolinho, Davi de Melo Santos, André Dalata, Zack, Hyper, Minas de Minas, entre outros.



Figura 9- O artista Alex Vallauri foi um dos precursores da arte urbana no Brasil
Disponível em <https://zupi.pixelshow.co/dia-do-graffiti-homenagem-a-alex-vallauri-no-ccsp/>
Acesso em 22 de dezembro de 2019



Figura 10- Grafite dos brasileiros Os Gêmeos pintado em prédio em Lisboa
Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/artes-visuais/os-gemeos-e-ronaldo-fragafalam-sobre-arte-em-curitiba-daakkm4kodvx6llzx738q3sqv/>
Acesso em 22 de dezembro de 2019

Desde então, o grafite se tornou um importante veículo de comunicação urbana (centro-periferia) que colaborou para a proliferação de outras vozes. Em suas várias formas de expressão, o grafite permitiu a comunicação entre moradores da cidade ampliando, dentre outras, a sua participação artística e política .



Figura 11 - A artista Negahamburger em frente a uma obra, São Paulo, 2012.
Disponível em <https://nanu.blog.br/na-nuzeando-negahamburger/>
Acesso em 22 de dezembro de 2019



Figura 12 – Mural sobre a tragédia de Brumadinho 2019.
De Saymon Costa na região nordeste de Belo Horizonte
Disponível em

<https://www.google.com/search?sxsrf=ALeKk00YhosHR0Eo9cdxOqjL0Oww7mWodQ:1584227528552&q=grafite+tragedia+de+brumadinho+saymon+costa&tbm=isch&source=univ&sa=X&ved=2ahUKEwitNS4i5voAhW4K7kGHUHbBegQsAR6BAgGEAE>
Acesso em 5 de fevereiro de 2020



Figura 13 - Mural em homenagem à Darcy ribeiro, Clarice Lispector e Paulo Freire em Lajedo
Rio Grande do Sul, 2020 de Eduardo Kobra

Disponível em <https://www.univates.br/noticia/27314-concurso-elegera-manifesto-sobre-personalidades-da-educacao>
Acesso em 14 de fevereiro de 2020



Figura 14- O grafite de diversos artistas na esplanada do Mineirão

Disponível em <https://www.google.com/search?sxsrf=ALeKk00TS1xL-bIKHX1VdohRhFxRV076iA:1584228935602&q=imagens+grafite+na+esplanada+do+mineirao&tbm=isch&source=univ&sa=X&ved=2ahUKEwi068vXkJvoAhVsHLkGHbe4Aq0QsAR6BAgKEAE>

Acesso em 5 de fevereiro de 2020

Podemos perceber, também, a partir das ruas muitas transformações pelas quais o grafite vem sofrendo ultimamente. Constatamos, cada vez mais, formas e desenhos bastante detalhados. Utilizações de técnicas/materiais variados, riqueza no manuseio de conteúdos e experimentações culturais.

Além do seu caráter ligado às artes plásticas, outras manifestações compõem o cenário dos grafiteiros. Estão presentes, de forma marcante, além da música (hip hop e o rap), o hobby/esporte (skate), a gíria, as roupas (grunge), a dança (o break) e todo um estilo de vida diferenciado.

Desse modo, não é à toa que o grafite é um movimento artístico com o qual muitos jovens se identificam, construindo, como nos diz SOUZA (2018) sua trajetória e personalidade.

Entorno de uma tentativa de ressignificação, existe, atualmente, um movimento por parte dos grafiteiros de afastar a imagem de marginal atribuída a eles. Assim, além de atuarem como manifestantes de um segmento da cultura urbana, não é raro, os mesmos participarem de projetos sociais de cunho assistencialistas e paradidáticos com a intenção de tirar crianças e jovens das ruas, das drogas, do ócio, da criminalidade e da delinquência. Esses projetos buscam contribuir para a formação estética, filosófica, social e política do cidadão, a partir das vivências particulares dos artistas. Por meio da produção local, estes articulam as demandas individuais e coletivas.

O grafite como manifestação cultural urbana para além das ruas, inclusive sendo hoje normalmente encontrado em museus/galerias/exposições, favorece a aproximação de um público heterogêneo com a arte em suas várias modalidades enriquecendo o diálogo entre diversos segmentos da sociedade e contribuindo para a construção de um projeto humanitário e democrático. Ele carrega consigo a relação da mistura, do hibridismo, de sentimentos de surpresa, de admiração ou de repulsa, e, nos locais onde podemos encontrá-lo, na instituição cultural ou na rua, proporciona ao seu público conflitos e também outras reflexões.

3. SOBRE O ENSINO EM ARTE E O GRAFITE

Na tentativa de se criar/construir as condições necessárias para a ampliação da vivência artística de nossos alunos como superação da falta de acesso à arte em sua pluralidade, torna-se imprescindível trabalhar e aprimorar, junto com estes, os esquemas de pensamento/percepção de maior alcance.

Diante da situação sociocultural em que se encontra a maioria da população despossuída de recursos e instrumentos para exercer, de forma satisfatória, suas capacidades de crítica, de análise contextual, de apreciação artística e estética, percebemos a importância do ensino de arte e do grafite como possibilidades educativas de transgressão e libertação.

3.1 Lendo e construindo o mundo por meio da imagem

De acordo com Freire (1996), a aprendizagem adequada requer sempre uma articulação entre o ensino e a pesquisa. Ensinar e pesquisar estão intrinsecamente ligados à prática docente. É papel do professor saber buscar relacionar e elaborar conhecimentos. Nesse contexto, tanto o aluno quanto o professor “problematizador” (orientador) estariam propensos a aprender, a pensar e a aprender a aprender. Como nos diz o autor:

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 1996, p.29) .

Uma das maiores referências em pesquisas no ensino de arte no Brasil é a Ana Mae Barbosa. Adepta dos ensinamentos de Freire (1921-1997), Barbosa nos adverte sobre a necessidade de se prestar atenção ao discurso visual. Ela sublinha a importância de se ensinar a gramática visual e sua sintaxe ao educando, tendo em vista sua preparação na compreensão e avaliação de qualquer tipo de imagem (BARBOSA, 1998, p.17).

Convergindo com a perspectiva de Freire (1996) sobre uma educação dialógica, participativa, tolerante, comunicativa e não autoritária, não preconceituosa, nem discriminadora, problematizadora das condições de existência e combativa das desigualdades, da opressão, da dominação, da segregação e injustiças sociais; que respeita e valoriza os conhecimentos prévios dos educandos, suas origens, suas identidades e diferenças; suas leituras e realidades de mundo, seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, sua cultura, seu inacabamento, seu protagonismo e suas experiências de vida; capaz de libertar os educandos das visões elitistas “naturalizadas” pelas classes dominantes, Barbosa⁹ (1998) defende o ensino de arte nas escolas numa concepção emancipatória, plural, democrática, questionadora e não alienante.

Segundo Barbosa (2012), torna-se imprescindível o conhecimento da arte nesse processo de expansão da consciência (crítica, social, emocional), de abertura às novas possibilidades de percepção/interpretação, de descobertas, de criação, de transformação sobre si mesmo e sobre o mundo em que se vive. Ela nos diz,

“Não podemos entender a Cultura de um país sem conhecer a sua Arte. Arte como uma linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por intermédio de nenhum tipo de linguagem, tais como a discursiva, e a científica. Dentre as artes, as visuais, tendo a imagem como matéria-prima, tornam possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos” (BARBOSA, 2012, p.18).

Frente às grandes mudanças tecnológicas dos últimos tempos e a proliferação vertiginosa de imagens em nosso meio, torna-se imprescindível nos capacitarmos a processar, selecionar, decifrar, interpretar, de forma qualificada e crítica, uma variada quantidade de informação.

⁹ Ver BARBOSA (1998) – Abordagem Triangular em ensino de arte sustentada sobre os pilares: da contextualização histórica, do fazer artístico e da apreciação.

Assim sendo, ao sermos estimulados a desenvolver esse “olhar artístico disciplinado” podemos, por exemplo, enriquecer nossa interpretação crítica e nossa percepção sobre diversas situações e imagens presentes em nosso cotidiano promovendo junto aos alunos férteis discussões sobre temas importantes da atualidade como: sobre o que é a arte em quê contexto, o seu lugar, o seus estilos, gêneros e linguagens ; sobre o consumismo, a violência, a diversidade cultural, a segregação social e geográfica, a discriminação racial, sexual, religiosa, a moda, as juventudes, as desigualdades sociais, a vida urbana, a arquitetura das cidades, etc.

3.2 Da Pluralidade Cultural

Um dos grandes desafios para o educador hoje é conseguir articular, reconhecer e valorizar a heterogeneidade/diversidade cultural presente em seu cotidiano, ao mesmo tempo em que se persegue o objetivo de tornar o ensino atraente e significativo para os estudantes.

O grafite como ferramenta no ensino de arte pode ajudar no desenvolvimento artístico e de percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e de dar sentido à experiência humana. Em boa medida, essa manifestação artística além de ser mais acessível e democrática exerce um grande fascínio sobre os nossos alunos.

3.2.1 Uma arte urbana em meio à diversidade

O grafite no ensino de arte pode ser compreendido dentro do universo da multiculturalidade ou pluralidade cultural. Ele traz consigo a preocupação em relação à questão do respeito e da valorização das singularidades e da diversidade nos modos de ser , de viver e de se expressar no mundo. Além disso, traz à tona reflexões sobre temas importantes como o racismo e as desigualdades.

Segundo PENNA (2008), questionando o currículo como expressão da cultura dominante, o multiculturalismo¹⁰ busca propostas que possam acolher a

¹⁰ Movimento teórico e político em defesa da pluralidade e da diversidade cultural que reivindica o reconhecimento e a valorização da cultura das chamadas minorias. Uma diferenciação importante entre os termos multicultural e multiculturalismo pode ser encontrada na obra de HALL (2003, p.52).

diversidade cultural presente na sociedade, contribuindo para a formação de cidadãos tolerantes e democráticos.

O grafite sendo parte dessa pluralidade apresenta-se como um importante instrumento pedagógico no exercício de relativização do olhar e de alargamento do nosso campo de visão a favor do reconhecimento das diferenças.

Ao propor o seu uso nas escolas, estaríamos contribuindo para ampliar a noção sobre arte e, conseqüentemente, para construir uma educação que assuma a relação de alteridade, que promova a troca de experiências, a diminuição do preconceito, da discriminação e o enriquecimento cultural de nossos alunos.

4. POSSIBILIDADES DE USO DO GRAFITE NO ENSINO DE ARTE

Pensando o ensino em artes visuais para os estudantes da rede pública da educação básica da região metropolitana de Belo Horizonte calcado na abordagem triangular de Barbosa (1998), sugerimos aos alunos um exercício de compreensão/contextualização, apreciação e simulação de produção do grafite nas escolas.

4.1 – Fase I (Primeiros Contatos)

A partir de um esforço de escuta dos alunos sobre seus saberes prévios a respeito da arte, proponho introduzir o tema da arte urbana com a exibição comentada de documentários sobre o grafite na cidade e subsequente questionamentos sobre o que eles conhecem a esse respeito. Indicamos a exibição dos vídeos: “Cidade Cinza – Os Gêmeos”¹¹ e “Entrevista com o grafiteiro Mundano”¹² como uma forma de aguçar a curiosidade sobre o assunto e desencadear reflexões acerca de questões sociais da atualidade como: o uso do espaço público para o protesto e para a manifestação artística, a preservação do planeta, a poluição e a produção do lixo. Articulando as falas dos artistas, dos alunos e o conhecimento baseado em pesquisas acredito que seja importante ampliar as noções iniciais (*as doxas*) com o auxílio de aulas teóricas e práticas sobre a história do grafite, suas variações e características, a introdução de algumas

¹¹ Disponível em <https://youtu.be/svFLNSQevag> - Acesso em 15 de janeiro de 2020.

¹² Disponível em <https://youtu.be/hVkpKm266U> - Acesso em 15 de janeiro de 2020

técnicas, conceitos e noções sobre o desenho e a pintura (conhecendo os tipos de suporte, o uso do lápis e o desenvolvimento do traço, tipos de linhas, estilos de grafitação, modificando tonalidades, brincando com a luz e a sombra, utilizando formas mais ou menos transparentes, experimentando tipografias de letras, hachuras, colagens de gravuras, feitura de cartazes, trabalhando a noção de proporção, profundidade, produzindo tintas, manipulando o pincel, misturando cores, explorando a reflexividade, o brilho e as texturas com a utilização de alguns objetos na composição, etc.). Nesse contexto, poderiam ser somadas propostas de pesquisa feitas pelos alunos com registro de imagens e relatos de grafiteiros locais e mundiais com seleções, apresentações, análises e interpretações críticas.

Seguindo essa tentativa de explorar o conhecimento sobre o assunto, proponho que fosse convidado um artista do grafite para falar sobre suas experiências de ofício e conversar com os alunos tirando dúvidas e esclarecendo questões sobre o processo de criação de suas obras e de outros artistas, materiais utilizados, técnicas e instrumentos de trabalho.

4.2 - Fase II (Experimentando a pintura, a gravura e o desenho)

Nesse momento, proponho que seja estimulado o fazer artístico, por meio da produção autoral tendo como pressuposto as informações obtidas nas etapas anteriores. Assim sendo, pretende-se oportunizar a realização de stencil¹³ e produção de desenhos/textos ou frases de protesto que discuta alguma questão da atualidade, por exemplo, o rompimento das barragens em Brumadinho e Mariana. Os alunos estariam sendo orientados a realizar um esboço de algo a ser reproduzido nas paredes da escola com a utilização do pôster lambe lambe¹⁴.

Em contínuo diálogo com a produção artística dos grafiteiros, estaríamos reforçando o contato e o reconhecimento dos alunos em relação aos diversos estilos

¹³ Stencil – “é uma técnica usada para aplicar um desenho ou ilustração que pode representar um número, letra, símbolo ou qualquer outra forma ou imagem figurativa ou abstrata, através da aplicação de tinta, aerossol ou não, através do corte ou perfuração em papel ou acetato. Resultando em uma prancha com o preenchimento do desenho vazado por onde passará a tinta.” Disponível em <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A0ncil> – Acesso em 09 de Fev. de 2020.

¹⁴ Pôster lambe-lambe – “é um pôster artístico de tamanho variado que é colado em espaços públicos. Podem ser pintados individualmente com tinta látex, spray ou guache. Quando feitos em série sua reprodução pode ser através de foto copiadoras ou silk-screen.” https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Poster_Lambe-lambe - Acesso em 09 de Fev. de 2020.

existentes (*bombing*, *wild style*, *crew*, *stencil*, *free style*, *3D*, entre outros). Destes, os mais comumente reconhecidos, de acordo com SOUZA (2018) são:

O *Bombing*: É feito com letras gordas, vivas e mais simples.



Figura 15- História da arte do grafite
Disponível em <http://fiodevento.blogspot.com/2012/01/amor-grafitado.html>
Acesso em 05 de Fevereiro 2020

O *Wild style*: É feito com desenhos e letras mais complexas.



Grafite – Binho Ribeiro
Disponível em <http://www.binhoribeiro.com.br/graffiti/>
Acesso em 05 de Fevereiro de 2020

Figura 16:

O *Crew*: São grafites feitos em grupo. Seu tema específico é o texto. Utilizam-se cores escuras e letras pontiagudas.



Figura 17: Mulheres no grafite e empoderamento feminino das Minas de Minas
Disponível em <https://images.app.goo.gl/Gk2X7eVnf8U5mwJ6>
Acesso em 05 de Fevereiro de 2020

O *Stencil*: Grafite produzido com moldes feitos com cartolinas, radiografias, acetato ou outros materiais, passando-se o spray por cima. Esse tipo de grafite tem como objetivo a rapidez e a escala em produção.



Figura 17: Stencil (Blek le Rat)
Disponível em <http://www.dionisioarte.com.br/blek-le-rat-conheca-um-dos-maiores-nomes-do-stencil/>
Acesso em 05 de Fevereiro de 2020

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecemos o grande desafio que é incluir o estudo da Arte Contemporânea e Urbana nas escolas. A sua abordagem a partir de uma concepção crítica implica uma revisão de conceitos e mudanças de postura por parte dos educadores. Postura esta que deve se pautar na reflexão/ação/reflexão para além da simples experimentação artística, ao incluir, também, aspectos culturais e sociais.

Assim sendo, ao propor essa aproximação com o grafite, buscamos que o educando seja estimulado a se sentir inserido nas artes de uma forma entusiasmada como ser capaz de entender, de produzir e apreciar Arte. Com a disposição do olhar artístico e da utilização, principalmente, de alguns materiais didáticos, como a presente pesquisa, a cidade e seus suportes (mural), livros, revistas, vídeos, jornais, notebooks, celulares e orientação dos arte-educadores acreditamos viabilizar novas experiências visuais e artísticas contribuindo, também, para que o aluno possa interpretar problematizando questões importantes não só sobre o universo artístico, suas linguagens, mas sobre si mesmos e o mundo em que vive.

A partir desse exemplo de diálogo com a realidade e arte de rua, acreditamos abrir caminhos para tornar mais atraentes e significativas as aulas aos nossos alunos num esforço transgressivo de reconhecimento destes como sujeitos de desejo, de expressão, de história, de conhecimento e de cultura em benefício do processo de ensino-aprendizagem, do seu desenvolvimento crítico e estético, e da ampliação de seu repertório cultural.

6. REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBOSA, A.M. *Teoria e prática da educação artística*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- BARBOSA, A.M. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1998.
- BARBOSA, A.M. (org.) *Inquietações e Mudanças no Ensino de Arte* 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2012. Vários autores ISBN 978-85-249-1910-7
- BARROS, Anna. *Espaço, lugar e local*. In: Revista da USP, n.40. São Paulo: dez/fev, 2016.
- BLAUTH, L., POSSA, A.C.K. *Arte, grafite e o espaço urbano*. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/3458>> Acesso em: 2019.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989, (Memória e Sociedade).
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*. In: Obras escolhidas. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, v. 1, 1986, p. 165-196.
- CHICO, Alana Cristina Teixeira. *Graffiti: arte de rua e espaço escolar*. Mato Grosso: Universidade Federal de Mato Grosso, 2017.
- DAYRELL, Juarez (org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.
- DELEUZE, GUATTARRI, Giles, Félix. *Mil platôs*, vol.5. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- GARCIA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GITAI, Celso. *O que é o graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LONGMAN, E., LONGMAN, G. *Grafite: labirintos do olhar*. São Paulo: Ed. BEI, 2017.

MALLAND, Julien. *Tropical Spray: viagem ao coração do grafite brasileiro*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

PAIS, José Machado. *Busca de si: expressividades e identidades juvenis*. In: ALMEIDA, M.I.M; EUGÊNIO, F. (Orgs.). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Limites em expansão: Licenciatura em Artes Visuais*. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.

SOUZA, Débora Cristina da Cunha. *Arte urbana, política e escola: um diálogo possível*. 2018. Dissertação (Ensino de Arte) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SIMMEL, G. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, O. G. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

WALKER, John A. *A arte desde o pop*. Barcelona: Editorial Labor, 1977.

ZANINI, Walter (org.). *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983.